

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANTIGAS POPULARES DO MINHO

(Recolhidas em Ponte do Lima)

363

Quando te dei um abraço
Queria ficar sempre assim
Mas tenho muito receio,
Que te aborreas de mim.

364

Quando me fitas os olhos,
Meu coração se inflama;
E quando tocas em mim,
Eu todo sou uma chamma.

365

Vieram-me hontem dizer,
Que tu estavas doente;
Que to queixavas de mim,
Quando estou innocente.

366

Amanhã se tu poderes,
Vê se saes de casa cedo;
Aqui mo encontrarás,
Debaixo d'este arvored.

367

Os seus olhos me prenderam,
A'qui d'el-rei quem me accode
Accuda-me aqui menina,
Accuda-me que bem pode.

368

Pediste o meu amôr,
Mas eu amar não sabia;
Viesses para minha casa,
Contigo aprenderia.

369

Prometteste ir commigo,
Anda lá para diante;
Debaixo do meu abrigo,
Quero-te sempre constante.

370

Tenho mulher desleixada,
Que nada lhe dà canecira;
E' uma gallinha choca,
Deitada na capocira.

371

Quando te vejo zangada,

Apego-me com Santo Antonio;
E peço-lhe que te livre;
Das tentações do demonio.

372

Dizes que eu te amei,
Por espaço d'alguns annos;
E' porque não conhecia,
Teus embustes e enganos.

374

Amei-te o ó verdade,
Além de ti, nada via;
E tua imagem inteira,
Sempre commigo trazia.

375

Tenho-te sempre fallado,
Com profunda humilde;
E vejo tuas respostas,
Sempre cheias de vaidade.

376

Se desejas ver-te livre,
Do teus males e cuidados,
Procura um confessor,
E confessa teus peccados.

377

Quem se mette com justiça,
Bastante tem de pagar;
E quem tiver paciencia,
Pode bem o ceu ganhar.

378

Não tornes a vir aqui,
As armadilhas armar;
Para os pobres passarinhos,
Sem piedade maitar.

379

Um homem como eu velho,
Ninguem caso d'elle faz;
Embora... o que eu quero
E' que me deixem em paz.

380

Das moças que namorei,
Tenho um comprido rol;
Foi sempre... porque agora,
Não valho um caracol.

381

Eu não quero mulher velha,
Pois quasi todas são tontas;
De dia fiam na roca,
A' noite pegam nas contas.

382

Se me fallas tão rogada;
E' porque eu não sou rico;
Se tivesse muita, libra,
Fazia-te callar o bico.

383

Passam certas moças serias,
Que parecem umas santas;
Como eu... são pecadoras,
E d'estas ha por ahi tantas.

384

Sahe aqui por esta porta,
Que lá vem o meu marido;
Se dá contigo aqui,
Decerto estás perdido.

385

Eu não digo o que tu és,
Para não ser abelhudo;
Pois iria muito longe,
Se quizesse dizer tudo.

386

Quando nas tuas riquezas,
Me fallas á bocca cheia,
Dá-me então vontade,
Fazer-te careta feia.

387

Não te posso escutar,
Estou occupado agora;
Para vires desculpar-te,
Escolheste mal a hora.

388

Vi hoje certo marido,
Pelo braço da mulher;
Quer leval-o para casa,
Elle teima que não quer.

389

Se eu poder ó menina,
A tua mão alcançar,
Tu verás como eu sei,
Nos teus campos trabalhar.

390

O meu amor é ferreiro,
Maneja mui bem o malho;
Quando lhe dão que fazer,
Em forças elle não é falho.

391

Se me deres ó menina,
Uma hora de prazer,
Eu em toda a minha vida,
Te saberei agradecer.

392

Estou ás portas da morte,
Sò tu me podes salvar;
Se te resolves menina,
A mão de espoza me dar.

393

Vaes fazer os vinte annos,
Vae então chegar a hora;
De dizer a minha mãe,
Aqui tem a sua nora.

394

Menina, fuja a seu pae,
E venha ser minha nora;
Meu filho bem a merece,
Merece, porque a adôra.

395

O beijinho que me deste,
Parece, sabia o mel;
Pelo que, reconhecido,
Hei-te de dar um annel.

396

Toma lá para teu peito,
Esse lacinho de fita;
Muito bem deve ficar-te,
E fazer-te mais bonita.

397

Nem por quanto ha no mundo,
Este laço eu darci;
Para me lembrar de ti,
Sempre no peito o trarei.

398

E' por me dares um beijo,
Que tua mãe tanto falla,
Toma-o lá outra vez,
A vêr se ella se calla.

399

Trago-te aqui n'este cêsto,
Uma duzia de marmello;
Faz d'elles a tua sôpa,
Pois já estão amarellos.

400

Pertendo de ti um beijo,
Vendido ou emprestado;
Toma-o lá em troca d'outro,
E é negocio liquidado.

401

Valha-me aqui menina,
Tenho a espinhella cahida;
Pois tem em seu coração
Remedio que me dá vida.

402

Quando passares aqui,
Eu te direi da janella;
Se tu podes vir ou não,
Fallar-me pela viella.

403

Louvado seja o Senhor,
Já o meu pranto moveu;
Já disse que me amava,
Já um abraço me dou.

404

Hoje a minha namorada,
Deu-me uma alma nova;
Diz-me estar prompta a dar,
Do seu amôr toda a prova.

405

Se te vaes d'aqui embora,
Eu contigo quero ir;
Se me não queres levar,
Não te posso ver partir.

406

Se tu queres vir commigo,
Seja hoje a partida,
Verás que vamos passar,
Uma vida divertida.

407

Bem receio ó menina,
Que me não sejas leal;
Que me faças mil promessas,
E me deixes afinal.

408

Pormotti de te amar,
Mas em certas condições;
Não ires ás romarias,
Nem tão pouco aos serões,

(Continúa)

FOLKLORE AÇORIANO

II

O estudo do nosso folk-lore, cujo immediato interesse, tanto para a historia como para a anthropologia dos povos açorianos, não é necessario que eu insista em accentuar, está ainda muito atrasado, e os materiaes que tem sido publicados avulsamente merecem, na sua quasi totalidade, apenas uma limitada confiança, pela completa ausencia de methodo scientifico, e tambem, em alguns casos, pela falta de prohibidade dos collectores. Abstraindo da collecção de romances e cantigas populares recolhida ha trinta annos pelo Dr. João Teixeira Soares de Sousa, da ilha de S. Jorge, e modernamente ampliada com os materiaes communicados por Arruda Furtado ao sr. Theophilo Braga; e de algumas raras contribuições isoladas, tudo o mais que até agora se tem feito neste campo de utilissima averiguação tem sido exclusivamente inspirado por um espirito futil de curiosidade ou por um mesquinho sen-

timento de vaidade litteraria, e sempre executado com uma superficialidade de critica, que attingiu o cumulo no opusculo de Gabriel d'Almeida sobre as festas populares açorianas.

Arruda Furtado comprehendera desde 1882 o valor especial das investigações folk-loricas nos Açores. No curto prefacio escripto pelo malogrado naturalista para o *Catalogo da Exposição de artes, sciencias e letras michaelenses* realisada em Ponta Delgada por occasião do centenario pombalino, achamos o testemunho disso: «Devemos manifestar aqui o interesse especial que tomamos pela arte popular em todas as suas manifestações e detalhes. O meio açoriano possui evidentemente condições particulares: nos poucos homens que mais poderosamente tem renovado a mentalidade portuguesa, contam-se alguns açorianos. O maior grão desta particularidade reside incontestavelmente no povo mais directamente em relação com as condições naturaes, menos facilmente desviado na sua evolução pela influencia de meios estranhos. O estudo dos seus contos e cantigas, da sua economia domestica, da arte do seu vestuario e dos seus enfeites, tem pois um papel na historia que não pode ser substituido. É mais tarde, nos capitulos 3.º e 4.º do seu intuitivo livro de anthropologia sobre o povo michaelense, encontramos a contraprova destas palavras na contribuição importante que o folk-lore prestou ao insigne observador para o estudo das condições economicas e sociaes da existencia do povo das ilhas, e da psychologia do grupo. Em outro trabalho, em via de publicação, occupo-me, porem, mais detidamente do concurso superior de Arruda Furtado na investigação da ethmologia açoriana.

O folk-lore açoriano tem um valor especial no estudo geral da litteratura popular portugueza. «Ao passo que os romances tradicionaes iam esquecendo na metropole, a tradição refugiava-se na provincia continental, nas ilhas e na India.» (Th. Braga, *Historia de Camões*, p. 157.) O estado actual dos nossos conhe-

cimentos a este respeito, leva-nos effectivamente, a suppor que os Açores são de facto, um dos pontos do paiz onde a antiga tradição nacional se conserva mais viva e perfeita. Sob o ponto de vista local, o estudo do nosso folk-lore reveste ainda uma importancia muito especial. A historia açoriana terá muito que aproveitar das suas conclusões como já affirmava ha quatorze annos, Arruda Furtado. O problema das nossas origens ethnicas, pode ser resolvido, certamente, pela analyse dos caracteres anatomicos, morfologicos e physiologicos das populações insulares, mas a vereda anthropologica pode ser tambem brilhantemente illuminada pelos elementos que lhe deve fornecer a dialectologia e o folk-lore.

Vem a proposito citar um exemplo, que é frisante. Nos seguintes versos de uma seguidilha infantil que se canta no Faial encontra-se allusão clarissima á colonisação açoriana por gento de Vianna:

Tambem trago o meu arado,
Debaixo do meu capote;
Tambem os homens honrados
Tocam na zaugariana.

São bons homens de Vianna,
Morando ao pé do rio,
Que de inverno faz frio,
E de verão calma vai.

O ante-penultimo verso contem até uma referencia evidente ao rio Lima. Estes versos pertencem a uma *aravenga*, como se lhe chama no Faial, que foi colhida da tradição pelo fallecido escriptor açoriano Ernesto Rebello, e publicada pelo sr. Henry R. Lang, na *Revista Lusitana*, vol. III, p. 81 sq. Outro facto elucidativo é o que occorre, com o antigo dictado michaolense: «Da Terceira as mulheres e as joieiras», onde se encontra, alem da allusão a uma industria caracteristica d'aquella ilha, memoria do antigo costume dos mancoes michaolenses procurarem de preferencia meninas da Terceira para esposas, o que resultaria da fama de belleza que as terceirenses disfructam ou talvez, o que supponho mais prova-

vel, da tradição, que já ha annos se vai obliterando, da superioridade nobiliarchica das familias terceirenses sobre todas as outras do archipelago.

Estes dois exemplos demonstram quanto a nossa historia e a nossa ethnographia poderão aproveitar do estudo das tradições populares locais, feito de accordo com o methodo scientifico. Para isso torna-se, porém, primeiro que tudo, necessario coligir todos os factos tradicionaes, e só depois delles serem conhecidos o mais completamente possivel, estarem classificados, feita a sua comparação com os factos similares de outros povos, e comprehendido o seu estudo generico, é que poderemos chegar ás theorias. Antes disso, qualquer conclusão prematura corre o grave risco de ser sujeita a caução pela critica.

Enumero em seguida as fontes em que podom ser estudadas as tradições açorianas:

I Monumentos:

- 1) cruces dos caminhos;
- 2) lapides;
- 3) ornamentação dos jugos e cangas dos bois.

II Litteratura:

- 1) Leis:
 - a) municipaes (posturas),
 - b) ecclesiasticas (constituição do bispado);
- 2) documentos diversos (escripturas, foros, testamentos);
- 3) chronicas, topographias, memorias, visitas dos bispos e vigarios;
- 4) litteratura propriamente dita;
- 5) livros populares (litteratura de cordel),

III. Povo (tradição oral).

Como a tradição viva que por sua vez nos fornece a caracteristica completa da geração actual não satisfaz por si só quando se trata de uma exploração com intuitos historicos e psychologicos, torna-se necessario consultar os monumentos da arte, os monumentos escriptos, e remontar o mais alto possivel no estudo desses elementos. (Continúa)